

Artigo

ENTRE A RELIGIÃO E O PROGRESSO: as representações do futuro na imprensa de Juiz de Fora e São João del-Rei na virada do século XIX para o XX (1895-1905)

Por Flávio Raimundo Giarola, Izabela Aparecida Gontijo e
Bernardo Victor Silva de Andrade

RESUMO: O presente artigo analisa as representações de futuro na imprensa de São João del-Rei e Juiz de Fora. Nosso objetivo é perceber como, na virada do século XIX para o século XX, as representações sobre um futuro progressista, marcado pelo desenvolvimento material, esbarravam em discursos religiosos, que defendiam a fé cristã, sobretudo o catolicismo.¹

Palavras-chave: Imprensa. Futuro, religião, progresso

¹ Este artigo é o resultado de uma pesquisa de iniciação científica júnior, desenvolvida no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), campus de Divinópolis, no ano de 2019.

Introdução

O tempo e as formas como ele é percebido e interpretado pelo homem tem recebido cada vez mais atenção dos historiadores. Um ponto importante neste campo é o que podemos chamar de história do futuro, ou seja, a história da forma como as diversas sociedades representam, planejam e dialogam com o tempo que ainda está por vir.

A obra mais densa e completa sobre as mudanças de percepção do futuro é o trabalho

do historiador francês Georges Minois, *História do Futuro*.¹ Minois fez um avultoso trabalho de síntese, no qual traçou as diversas formas de prever o futuro, desde as grandes civilizações do mundo antigo até o final do século XX. Em seu trabalho de pesquisa, o autor buscou dar conta tanto dos agentes das previsões, quanto dos métodos e dos conteúdos das mesmas. Trabalho semelhante, porém de menos fôlego documental, foi feito por David A. Wilson, em seu *A História do Futuro*.² O objetivo é o mesmo de Minois, mas

¹ MINOIS, Georges. *História do futuro: dos profetas à prospectiva*. São Paulo: UNESP, 2016.

² WILSON, David A.. *A história do futuro: o que há de verdade*

com foco no mundo anglo-saxônico, apesar de hora ou outra sair desse recorte espacial.

Com relação ao Brasil, contudo, são raros os trabalhos que buscaram identificar as percepções sobre o porvir nos trópicos. Conforme afirma João Paulo Pimenta,³ é possível constatar uma considerável escassez de materiais bibliográficos relativos ao Brasil, seu passado e sua posição no mundo no tocante a uma história de formas coletivas de viver o tempo. O autor chama a atenção para o fato de que a história social do tempo é a “história não apenas de elaborações específicas de grupos sociais, mas também de encontros, amálgamas e conflitos entre grupos e espaços de distintas características que, por variados motivos, estabeleceram relações (inclusive hierarquias) recíprocas”.⁴ Em outras palavras, não se deve esperar uma singularidade do Brasil com relação “ao que se observa, ao menos nos últimos quinhentos anos, em outras partes do mundo”.⁵ Contudo, existem temas relevantes, particularidades, que podem ser estudadas.

Valdei Lopes de Araújo, por exemplo, no seu livro *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira*, desenvolveu um dos principais trabalhos sobre a questão do tempo na América Portuguesa. O autor constatou “uma descontinuidade na experiência de tempo entre a geração da Independência e os homens que enfrentaram a tarefa de construir a

nação”.⁶ Araújo mostrou um gradual contraste entre um tempo multissecular e cíclico e outro produtor de singularidade, linear e progressivo, que foi se consolidando com os intelectuais do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro). É claro, entretanto, que, apesar desta obra e de alguns outros estudos,⁷ ainda existe um vasto campo a ser explorado.

É o que podemos notar com relação à história do futuro em Minas Gerais. Desta forma, o objetivo deste artigo é compreender a maneira como alguns impressos de duas cidades de Minas Gerais atribuíram significado e importância para questões relativas ao futuro e como as representações sobre o tempo vindouro esbarravam em aspectos associados à tradição, sobretudo a religião. Sendo assim, foram analisados periódicos de São João del-Rei, uma cidade com sua história ligada ao início da exploração aurífera na antiga colônia portuguesa, e de Juiz de Fora, uma cidade fundada em meados do século XIX. O objetivo é perceber as diferenças e as similaridades com relação à forma de debater assuntos relativos ao futuro em uma região marcada pelo passado e pela tradição histórica e outra associada ao discurso modernizador. Escolhemos como recorte cronológico o período de virada do século XIX para o XX, por entender que, nas viradas de

nas mais famosas profecias e previsões. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

3 PIMENTA, João Paulo. Apontamentos para uma história do tempo no Brasil. IN: Revista Hydra. São Paulo, v. 2, n. 4, p. 1-17, 2019, p. 6.

4 Idem, p. 7

5 Idem, p. 6.

6 ARAÚJO, Valdei Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira*. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 185.

7 Em nível de exemplo, podemos citar HANSEN, João Adolfo. Para uma história dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII. IN: FERES JR., J. & JASMIN, M. (org.). *História dos conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Loyola, 2007, p.253-266; PEREIRA, Luísa Rauter. “Substituir a revolução dos homens pela revolução do tempo”. *Uma história do conceito de povo no Brasil: revolução e historicização da linguagem política (1750-1870)*. Rio de Janeiro: UERJ/IESP, 2011; e SANTOS, Cristiane C. dos. *Escrevendo a história do futuro: a leitura do passado no processo de independência do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2017.

séculos, as representações sobre futuro ficam mais evidentes.

São João del-Rei e a persistência da tradição mediante o progresso

A cidade de São João del-Rei cresceu ao longo dos séculos XVIII e XIX como centro comercial da região do Rio das Mortes. Alcançou o status de vila em 1713, quando a exploração aurífera crescia em Minas Gerais. Segundo Afonso de Alencastro Graça Filho, no século XIX, a produção agropecuária tornou-se o carro chefe da economia local, juntamente com o desenvolvimento de um intenso comércio regional e com o Rio de Janeiro, centralizando as operações de crédito da Comarca do Rio das Mortes.⁸

Desta forma, ao longo de sua história, São João del-Rei apresentou os traços da cultura urbana mineira, marcada pela presença significativa da religião, do escravismo e pela influência de comerciantes e fazendeiros donos de escravos. Se, como afirma Denilson de Cássio Silva, a cidade, ao longo século XIX, esteve em ebulição econômica;⁹ é certo também que, no final daquele século, ela procurava manter sua importância em Minas Gerais defendendo a entrada de símbolos do progresso, tais como a chegada de imigrantes, a ferrovia e a indústria têxtil, sem, com isto, abdicar de suas tradições históricas.

Com relação à ferrovia, por exemplo, a construção da Estrada de Ferro Oeste Minas (EFOM), inaugurada em 1881, constituiu o grande

símbolo de desenvolvimento da cidade, tida como um passo importante em direção ao progresso. Para O Arauto de Minas, jornal conservador que, já em 1877, defendia sua construção, somente a estrada de ferro poderia tirar a cidade da “retrogação” em que se encontrava. Segundo o impresso, o futuro de São João del-Rei passaria pela ferrovia, uma vez que a cidade vivia um processo de retração de seu comércio e um estado de “torpor”. Deste modo, dizia que aquele melhoramento era um “grande cometimento, do qual depende o progresso, a vida desta Cidade e circunvizinhos municípios”.¹⁰

A Tribuna do Povo, por sua vez, considerava a EFOM um gigante que “alquebrando os grilhões do atraso e da decadência, veio arrancar o marco estéril da inércia, substituindo pela baliza fecunda do progresso”.¹¹ As palavras destes periódicos mostravam a crença na ideia de que as ferrovias eram sinônimas de modernidade e sua inserção na cidade representava um avanço rumo ao futuro. Deste modo, o século XIX é considerado o século do progresso e a estrada de ferro o meio pelo qual São João del-Rei poderia se aproximar das sociedades “mais avançadas”.

O debate sobre o progresso na cidade também foi relacionado à questão da mão de obra, a partir do momento em que se começou a discutir a imigração para a região. Para a Gazeta Mineira, era na viação férrea que se encerrava “a chave da colonização, a esta a da transformação do trabalho entre nós, pela substituição natural dos seus atuais agentes”.¹² Ferrovia e imigração, portanto, eram tidas como processos interligados.

8 GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. A Princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João del-Rei (1831-1888). São Paulo: Annablume, 2002.

9 SILVA, Denilson de Cássio. O Drama Social da Abolição: escravidão, liberdade, trabalho e cidadania em São João del-Rei, Minas Gerais (1871-1897). Curitiba: Editora Prismas, 2016, p. 26.

10 Estrada de Ferro do Oeste. O Arauto de Minas. São João del-Rei, ano 1, n. 37, p. 2, 18 nov. 1877.

11 Estrada de Oeste. Tribuna do Povo. São João del-Rei, ano 1, n. 24, p. 1, 18 de set. 1881.

12 Viação Férrea. Gazeta Mineira. São João del-Rei, ano 1, n. 2, p. 02, 06 jan. 1884.

As locomotivas representavam um avanço rumo ao desenvolvimento e os imigrantes pretendidos provinham de sociedades cujo nível de progresso era, conforme se acreditava, superior ao brasileiro. Assim, pensavam os periódicos que, para estimular a colonização, dever-se-ia primeiro modernizar a cidade.

Em suma, muitas das noções de futuro e progresso da imprensa na passagem para o século XX estavam relacionadas às expectativas dos frutos que poderiam ser colhidos tanto da chegada dos imigrantes quanto da presença da estrada de ferro. Não é à toa que, em 1898, o relatório do engenheiro Cipriano de Carvalho sobre a Estrada de Ferro Oeste de Minas, exposto no jornal *O Resistente*, usava a palavra “futurosa” para se referir à rede ferroviária.¹³ Da mesma forma, o impresso, em edição de janeiro de 1896, ao falar do trabalho, motivo para o qual os imigrantes haviam ido para a cidade, dizia que “os povos que mais adiantados se acham na carreira da civilização conhecem isto perfeitamente; e rivalizam entre si sobre o emprego de suas forças físicas e intelectuais para obterem os produtos agrícolas ou fabris”.¹⁴

Por outro lado, se *O Resistente* defendia as ideias de progresso e civilização, associadas aos bens materiais e ao trabalho, é nítido também que havia um apego às tradições da cidade, sobretudo às tradições religiosas. Seu redator, Severiano de Rezende, havia sido, no Império, o redator do jornal conservador anteriormente citado, *O Arauto de Minas*, folha que defendia o escravismo e a religiosidade. Desta forma, são constantes, n’*O Resistente*, as notícias sobre festividades do catolicismo e questões religiosas.

13 E. F. Oeste de Minas. *O Resistente*. São João del-Rei, ano 4, n. 148, p. 01, 30 jul. 1898.

14 O Trabalho. *O Resistente*. São João del-Rei, ano 1, n. 40, p. 03, dia ilegível, jan. 1896.

O periódico chegou, inclusive, a publicar uma série de artigos contrários ao casamento civil, defendendo que este era uma função da Igreja: “destarte, por nenhum título nem sob nenhuma relação, o Estado pode ser senhor do casamento. O casamento, como o mesmo homem, não pode depender senão do poder único de Deus”.¹⁵

Curiosa foi a série de artigos sobre um futuro apocalíptico, publicada em fevereiro de 1899, com o título *O fim do mundo*. O primeiro texto da série foi extraído de outro jornal, *A Imprensa*, e afirmava que um “profeta” da ciência, dr. Rodolphe Falb, professor de geologia da Universidade de Viena e de matemática na de Praga, anunciava a morte de todos os habitantes do planeta em 13 de novembro de 1899. Segundo o texto, um cometa estaria próximo da terra, o que acarretaria o fim da humanidade através de um rio de fogo. O artigo dava credibilidade à previsão através do racismo, uma vez que o dr. Falb anunciava o juízo final “com sua autoridade de germano, essa raça vitoriosa, sábia, trabalhadora, infalível e incomparável, que se apoderou da ciência e a monopolizou contra a miopia do mundo latino”.¹⁶ Portanto, eram argumentos científicos que deveriam justificar a teoria. Porém, ao mesmo tempo, era lembrado que a destruição do planeta “pelo fogo, um rio de fogo tão grande como mil Amazonas reunidos, é das santas escrituras e dos sagrados textos”.¹⁷ Em síntese, ciência e religião caminhavam juntas na descrição daquela eventual calamidade.

Na edição seguinte d’*O Resistente*, havia a

15 A Família E O Casamento. *O Resistente*. São João del-Rei, ano 4, n. 161, p. 01, 06 out. 1898

16 O Fim Do Mundo – Em 13 de Novembro de 1899 – Encontro da Terra com um grande cometa – morte pelo fogo, descargas elétricas. *O Resistente*. São João del-Rei, ano 4, n. 179, p. 01, 9 fev. 1899.

17 Idem, ibidem.

sequência da série, afirmando, contraditoriamente à primeira publicação, que as teorias de Falb eram pouco prováveis, usando, para isto, trechos de um almanaque daquele ano. A citação usada pelo jornal reconhecia que o planeta caminhava para o fim, mas que não se sabia “nem a hora, nem o lugar de sua expiação”.¹⁸ Expunha teorias que colocavam o fim da terra entre 10 milhões de anos, 35 milhões de anos ou no ano de 2167, esta última previsão baseada na teoria de que o planeta chegaria a 12 bilhões de habitantes e sem recursos suficientes para todos, “seria a morte pela fome – em 270 anos”.¹⁹

Em 16 de fevereiro, o jornal dava a palavra ao sr. alferes Plínio de Carvalho para tranquilizar ainda mais os leitores. Após uma descrição sobre os cometas, a conclusão era que se “a terra for envolvida pela cauda do colossal cometa, e mesmo admitindo a hipótese desta ser de natureza ígnea, perigo algum poderá resultar para a terra, visto que nosso planeta está envolvido em uma camada de ar chamada atmosfera, cuja espessura média vai a 14 léguas”.²⁰

A intenção do texto de Plínio de Carvalho era usar argumentos científicos para questionar as hipóteses de Falb. Para concluir a série de artigos, contudo, o jornal recorreu à autoridade da Igreja, através de um artigo do jornal católico D. Viçoso, que usava os sinais apontados pelo livro do Apocalipse para negar o fim do mundo discutido no artigo que havia iniciado a série de publicações.

Por hoje diremos apenas que o fim do mundo em 13 de novembro deste ano é um absurdo contrário à Revelação, mas que não duvidamos, antes, pelo contrário, cremos com certeza que haverá bem proximamente um cataclismo enorme e pavoroso em todo o mundo, e não relutamos em lobrigar um prenúncio dele nos mistérios astronômicos previstos matematicamente pelo Dr. Falb.²¹

Tais artigos nos permitem fazer duas ponderações importantes. A primeira é com relação às representações de futuro em fins do século XIX. Se havia um desejo e uma aspiração positivista ao progresso presente na imprensa; é possível perceber também a persistência na crença do fim do mundo, apontada por Reinhart Koselleck com sinônimo de um futuro escatológico característico da Idade Média e do começo da Idade Moderna.²² É o que fica explícito na citação anterior, na qual é mantida a ideia de um cataclismo próximo.

O segundo ponto é com relação aos argumentos usados tanto para corroborar quanto para questionar a teoria do Dr. Falb, ciência e religião. O jornal são-joanense, dividido entre as aspirações científicas e a tradição religiosa, buscava fazer uma síntese entre estes dois campos frequentemente contraditórios. Tanto

18 O Fim Do Mundo – Em 13 de Novembro de 1899 – Encontro da Terra com um grande cometa – morte pelo fogo, descargas elétricas. O Resistente. São João del-Rei, ano 4, n. 180, p. 01, 12 fev. 1899.

19 Idem, ibidem.

20 O Fim Do Mundo – Em 13 de Novembro de 1899 – Encontro da Terra com um grande cometa – morte pelo fogo, descargas elétricas. O Resistente. São João del-Rei, ano 4, n. 181, p. 01, 16 fev. 1899.

21 O Fim Do Mundo – Em 13 de Novembro de 1899 – Encontro da Terra com um grande cometa – morte pelo fogo, descargas elétricas. O Resistente. São João del-Rei, ano 4, n. 182, p. 01, 19 fev. 1899.

22 Para Koselleck, no mundo ocidental, o cristianismo, por muito tempo, impôs a esperança em um futuro escatológico, no qual o fiel se preparava para o fim dos tempos, quando o “salvador” voltaria para punir os pecadores e salvar os justos. Além disto, as sociedades da Idade Média e do início da Idade Moderna, marcadas pelo predomínio do mundo camponês, viviam transformações lentas, com mudanças tão vagarosas que faziam com que o futuro fosse visto como uma mera continuidade do presente. KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006, p. 314.

ciência quanto religião tinham o que dizer sobre o fim da humanidade e a primeira poderia ser um importante instrumento para comprovar a veracidade dos textos bíblicos. Ainda que o fim do planeta não estivesse tão próximo, ao contrário do que foi exposto no primeiro artigo, é certo que as teorias científicas e as profecias religiosas concordavam que o apocalipse uma hora se concretizaria.

Portanto, São João del-Rei, em fins do século XIX, apresentava-se dividida entre a religião, marca de sua tradição, e o progresso. O futuro, portanto, deveria trazer benefícios materiais sem, contudo, deixar de lado o misticismo, importante fator de identidade daquela urbes, que tinha raízes no século XVIII. O porvir, portanto, não deveria destruir o passado, mas se acomodar a ele, de forma pacífica e conciliadora. Juiz de Fora, por outro lado, representaria o futuro como uma continuidade de um passado de progresso, mas sem, com isso, se distanciar do religioso, como discutiremos a seguir.

Juiz de Fora: cidade na rota do progresso

Segundo James William Goodwin Jr., ao longo do século XIX, a diversificação econômica e a expansão geográfica levaram ao surgimento e consolidação de novos núcleos urbanos em Minas Gerais. Fruto deste processo, a cidade de Juiz de Fora se tornou o principal núcleo urbano da Zona da Mata, “a região mais dinâmica da economia mineira oitocentista”.²³ A cidade, no final do século XIX, dispunha de vários sinais do que era considerado progresso: ferrovias, indústrias, construções modernas.

²³ GOODWIN JR. James Willian. Cidades de Papel: imprensa, progresso e tradição, Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, p. 74.

Por isso, é possível perceber, na imprensa juizforana, a criação e a manutenção, através de notícias e colunas, de um pensamento progressista. Mas isto não significa que a religião estava ausente dos periódicos da cidade. Um exemplo disto foi o surgimento do jornal O Pobre, no natal de 1899. Era um jornal católico que, em todas as suas edições, publicava notícias sobre a Igreja. O impresso tinha um caráter social crítico, tendo como foco aqueles que estavam nas margens da sociedade. Não era socialista, pois considerava que o socialismo levantava o pobre contra o rico. Ao contrário, defendia uma conciliação entre o rico e o pobre através da “gratidão pela esmola”.²⁴ Esta postura do jornal fazia com ele projetasse um futuro que tivesse todos os avanços materiais possíveis, mas que, no entanto, não deixasse de lado os princípios cristãos. Como pode ser percebido na edição de 8 de janeiro de 1900, que trazia o texto intitulado Inimigos do Pobre, no qual se lia:

Multipliquem-se as fábricas; desvendem-se novos horizontes à eletricidade; mais amplos espaços sejam entregues à avidez do vapor, que já quase suprime os mares, ou da locomotiva, que já quase anula os desertos: tudo isto é grande e belo, e também divino, porque não faz senão tornar completa a soberania física de que Deus investiu o homem no planeta.²⁵

A citação acima traz um pensamento muito parecido com o de São João del-Rei: ciência e religião caminhando de mãos dadas rumo ao futuro. No entanto, é no jornal de maior periodicidade da cidade que podemos perceber com mais clareza as percepções de futuro e as

²⁴ O Pobre. O Pobre. Juiz de Fora, ano 1, n. 1, p. 01, 25 dez. 1899.

²⁵ Inimigos do Pobre. O Pobre. Juiz de Fora, ano 1, n. 2, p. 01, 03 jan. 1900.

ideias de progresso. Estamos falando d'O Pharol, que publicava cerca de 15 edições mensais.

Nas páginas d'O Pharol, o desenvolvimento da cidade e os trilhos que levavam ao progresso ficavam evidentes. Existem diversas notícias sobre infraestrutura urbana e sobre empresas da região. Destaca-se o grande número de edições que tratavam do tema eletricidade, uma vez que ali estava instalada a Companhia Mineira de Eletricidade, fundada em 1888 por Bernardo Mascarenhas e Francisco Batista de Oliveira. A Companhia esteve diretamente ligada à industrialização em Juiz de Fora, que a transformou na cidade mais rica de Minas Gerais no final do século XIX.

Para este artigo, contudo, mais significativa foi a maneira como a cidade recebeu a chegada do século XX. No dia primeiro de janeiro de 1901, o jornal, que tradicionalmente tinha 4 páginas, publicou uma edição especial com 16 páginas, com vários artigos ou lembrando o século passado ou exaltando o século que se iniciava. Na primeira página, havia uma imagem de um anjo velho, com uma foice na mão, representando o século XIX que estava morrendo; e um anjo criança, segurando uma tocha, simbolizando a nova centúria que se abria. Da fumaça da tocha do menino percebem-se vários outros anjos, sinal dos anos que estão por vir. A iconografia trazia ainda o Cruzeiro do Sul, representando o Brasil, e uma referência ao ano de 1901, com os meses e os dias santos.

Ao olhar para o século que se findava, a conclusão era de um século de progresso e realizações materiais, como pode ser notado no texto intitulado Vitórias Diplomáticas do Brasil no Século Findo:

O século que ontem findou é, com razão,

qualificado de assombroso, por constituir o ciclo histórico em que o saber humano, as descobertas da ciência e as criações da inteligência chegaram a estas culminâncias, que tocam as raiais do maravilhoso. O homem conquistou o planeta, abriu rotas pelos mares, internou-se nas regiões impenetráveis do pólo, e, quer nas glaucas profundezas submarinas, quer sobre a crosta do mundo, quer na escuridão das longas noites polares, quer no esplendor triunfal das auroras boreais, o seu cérebro trabalhou, o espírito não teve vigílias nem desfalecimentos, a ideia dilatou os seus domínios, a aspiração criou novos estímulos e o gênio alcançou, uma a uma, estas estupendas conquistas, que no domínio do físico e do moral, deram o nome de século das luzes, ao período centenar, que ontem findou.²⁶

Em suma, o periódico fazia uma ode ao século XIX baseada nos avanços da ciência daquele momento. No entanto, como acontecia em São João del-Rei, a religiosidade também era defendida associada ao progresso: “A volta do espiritualismo é, pois, também um sintoma de progresso da ciência, porque aquele nada tem que o torne incompatível com o experimentalismo ou naturalismo”.²⁷ Desta forma, a expectativa de futuro era baseada numa conciliação entre ciência e religião.

O século que hoje começa é para nós ainda impenetrável e cheio de mistérios, mas não será temerário prever-se que, em seu decurso, será feita a conciliação científica de tudo quanto ainda nos possa parecer incompatível entre o espiritualismo e o naturalismo.²⁸

²⁶ Vitórias Diplomáticas do Brasil no Século Findo. O Pharol. Juiz de Fora, ano 35, n. 1, p. 02, 01 jan. 1901.

²⁷ Idem, ibidem.

²⁸ Idem, ibidem.

A industriosa Juiz de Fora previa um futuro marcado pela sintonia entre duas esferas de pensamento divergentes até então. A ciência deveria conduzir ao porvir, mas ela também deveria explicar os mistérios da Igreja. Em outro artigo da edição, Passado e Futuro, defendia-se o mesmo argumento de que “os progressos admiráveis da ciência humana a descobrirem os sinais da Criação e da Providência, aumentando o poder da observação, acodem ao auxílio da Fé, e nos aproximam, em vez de nos afastarem da visão grandiosa do Ser”.²⁹ O texto criticava o que chamava de Revolução, a separação entre o Estado e a Igreja, e suplicava para que o século XX fosse marcado pela reconciliação entre a cristandade e o Brasil.

Em outro texto, do autor Cândido Eloy, novamente a religião aparecia associada aos pensamentos de desenvolvimento da ciência. Intitulado Ano Bom, Século das Graças, havia a tradicional descrição dos desenvolvimentos científicos e materiais, como as estradas de ferro, a eletricidade, o raio X e a fotografia; ao lado do lamento por conta de guerras e revoluções. Para o século XX, dizia que “não valem as luzes terrestres, por mais brilhantes que sejam, sem a luz espiritual, que o Deus pode dar”.³⁰

Além da confraternização entre Igreja e ciência, outra imagem predominante no periódico foi a de uma continuidade linear progressista com o século XIX. Em outro artigo daquela edição comemorativa, intitulado O Século Passado, dizia-se que as novas gerações tinham a missão de fazer o novo século ser “digno continuador daquele que a ciência iluminou, que as letras ilustraram, e

que as artes engrandeceram”.³¹

Com relação à cidade, o impresso também exaltava suas características progressistas. Elogiava todo o desenvolvimento de Juiz de Fora em um período de apenas 40 anos e assinalava o protagonismo da iniciativa privada para transformar a mesma em uma cidade yankee, “aludindo-se ao espírito progressista e operoso dos filhos dos Estados Unidos da América do Norte”.³² Seguia elogiando as características físicas da urbes, que a mostravam como preparada para entrar no novo século antenada com os princípios do futuro: construída sobre preceitos de “engenharias adiantada”, atravessada por duas importantes estradas de ferro (Central do Brasil e Leopoldina), privilegiada com linhas de bondes, vários templos religiosos, bem localizada geograficamente, centro comercial, com instituições voltadas para o ensino, saúde e assistência social, com indústria e agricultura prósperas, em síntese, com todos os aspectos indispensáveis para que a cidade crescesse ainda mais no século XX. Em outro artigo, A Arte em Juiz de Fora, expunha-se as características cultas da cidade, com o mesmo objetivo de exaltar a sua civilidade e o seu desenvolvimento, assim como o texto Indústria em Juiz de Fora.

Goodwin Jr. conclui que

O passado da cidade é curto e recente, apenas meio século. Sua herança, porém, era enorme: trabalho e progresso avassaladores. O futuro é a continuação da transformação da cidade e da região, através do trabalho humano, em uma sociedade letrada e industrial, “centro de

29 Passado e Futuro. O Pharol. Juiz de Fora, ano 35, n. 1, p. 03, 01 jan. 1901

30 Ano Bom, Século das Graças. O Pharol. Juiz de Fora, ano 35, n. 1, p. 04, 01 jan. 1901

31 O Século Passado. O Pharol. Juiz de Fora, ano 35, n. 1, p. 02, 01 jan. 1901.

32 Juiz de Fora. O Pharol. Juiz de Fora, ano 35, n. 1, p. 02, 01 jan. 1901.

luminosa civilização” a clarear o porvir.³³

Portanto, o que se via em Juiz de Fora, uma cidade que em pouco tempo de existência havia superado São João del-Rei em termos econômicos, era que, como na cidade histórica, ainda havia uma perspectiva de futuro associada à religião. No entanto, a cidade mostrava muito mais otimismo com relação aos desenvolvimentos materiais. E tinha motivos para isto, visto que havia atingido um alto grau de desenvolvimento no Estado de Minas.

Considerações finais:

As viradas de séculos são muito significativas para se entender as percepções do homem sobre o porvir, uma vez que estes períodos carregam consigo expectativas, temores, otimismo e misticismos. No Brasil, na passagem do século XIX para o século XX não foi diferente. De acordo com Ângela Marques da Costa e Lília Schwarcz, mesmo diante do conturbado cenário político e social estabelecido após a proclamação da República, civilização e modernidade converteram-se em palavras de ordem. “O Brasil entrava no novo século XX tão confiante como as demais nações: nada como imaginar que seria possível domesticar o futuro, prever e impedir flutuações”.³⁴ Assim, eram evidentes os anseios positivistas nas representações de futuro, uma vez que, conforme Eric Hobsbawm, ninguém no século XIX duvidava do progresso, tanto material quanto intelectual, “já que parecia óbvio demais para ser negado”.³⁵

33 GOODWIN JR. James Willian. Op. Cit.. pág. 91

34 COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lília Moritz. 1890-1914: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 12.

35 HOBBSBAWN, Eric J. A Era do Capital (1848-1875). São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 351.

É o que pode ser percebido nas duas cidades analisadas. A expectativa do progresso é patente, sobretudo quando falamos em aspectos materiais. Era inegável que o futuro seria marcado por indústrias, ferrovias, eletricidade, etc. Tanto São João del-Rei como Juiz de Fora exaltavam estes feitos da humanidade e os usavam como lente para projetar o porvir. Entretanto, Juiz de Fora se sentia mais preparada para os novos tempos, uma vez que já estava marcada por vários aspectos característicos do que era considerado como desenvolvimento, enquanto São João del-Rei clamava por novos avanços, presa que estava a suas características coloniais.

Talvez seja por isto que, ao discutir o futuro, a imprensa são-joanense tenha preferido dedicar várias páginas a um debate sobre o fim dos tempos. Já O Pharol, de Juiz de Fora, preferia fazer projetos, discutir caminhos a serem seguidos e exaltar os sucessos alcançados até então.

É interessante, contudo, que nenhuma das duas cidades abdicou do discurso religioso, defendendo, ao contrário, uma aliança entre ciência e religião. Em São João del-Rei este fato é facilmente explicado pela tradição da cidade, ligada ao misticismo característico de sua formação, no século XVIII. Em Juiz de Fora, porém, percebe-se que progresso não era sinônimo de ausência de fé. Ao contrário, a cidade exaltava as maravilhas da ciência e esperava pela harmonia desta com os preceitos cristãos.

Flávio Raimundo Giarola é Doutor em História e Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG); **Izabela Aparecida Gontijo** é Graduanda em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Divinópolis e **Bernardo Victor Silva de Andrade** é Graduando em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, Valdei Lopes de. **A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2008.

GOODWIN JR. James William. **Cidades de Papel: imprensa, progresso e tradição, Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. **A Princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João del-Rei (1831-1888)**. São Paulo: Annablume, 2002.

HANSEN, João Adolfo. **Para uma história dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII**. IN: FERES JR., J. & JASMIN, M. (org.). **História dos conceitos: diálogos transatlânticos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Loyola, 2007, p.253-266.

HOBSBAWN, Eric J. **A Era do Capital (1848-1875)**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

MINOIS, Georges. **História do futuro: dos profetas à prospectiva**. São Paulo: UNESP, 2016.

PEREIRA, Luísa Rauter. **“Substituir a revolução dos homens pela revolução do tempo”. Uma história do conceito de povo no Brasil: revolução e historicização da linguagem política (1750-1870)**. Rio de Janeiro: UERJ/IESP, 2011.

PIMENTA, João Paulo. **Apontamentos para uma história do tempo no Brasil**. IN: Revista Hydra. São Paulo, v. 2, n. 4, p. 1-17, 2019.

REIS, José Carlos. **Teoria e História: tempo histórico, História do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

SANTOS, Cristiane C. dos. **Escrevendo a história do futuro: a leitura do passado no processo de independência do Brasil**. São Paulo: Alameda, 2017.

SILVA, Denilson de Cássio. **O Drama Social da Abolição: escravidão, liberdade, trabalho e**

cidadania em São João del-Rei, Minas Gerais (1871-1897). Curitiba: Editora Prismas, 2016.

WILSON, David A.. **A história do futuro: o que há de verdade nas mais famosas profecias e previsões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.